

PRAÇA DA POESIA: ENTRE HISTÓRIAS E BRINCADEIRAS

Recebido em: 05/11/2013

Aceito em: 18/05/2014

Miraira Noal Manfroi

Alcyane Marinho

Universidade Estadual de Santa Catarina (UDESC)¹

Florianópolis – SC – Brasil

RESUMO: Esta pesquisa registrou a experiência de moradores que construíram, coletivamente, uma praça, em Campo Grande (MS). Teve como objetivo evidenciar como adultos e crianças ocuparam o espaço, definiram e redefiniram, democraticamente, seus limites e possibilidades. Fundamentada na etnografia urbana, a metodologia privilegiou os significados e as subjetividades, mediante observações participantes, depoimentos, fotografias e filmagens. A cultura lúdica foi focalizada como um conjunto de conhecimentos, valores, atribuições e significados que um determinado grupo possui e constrói em relação ao lazer. O registro desta experiência valoriza os equipamentos para o encontro e a convivência, evidencia a cultura corporal e a convivência solidária como fundamentos para a qualidade de vida, para a alegria, para a preservação da saúde e para a construção de uma cultura de paz nas cidades.

PALAVRAS CHAVE: Atividades de Lazer. Cultura. Jogos e Brinquedos.

SQUARE OF POETRIES: AMONG STORIES AND PLAY

ABSTRACT: The research registered the experience of a group of people who built a square in their neighborhood, in the city of Campo Grande, MS. The aim of the study was to show how adults and children have occupied the space, and democratically defined and redefined their limits and possibilities. Based on urban ethnography, the methodology focused on the meanings and subjectivities through the observation of the participants, their accounts, knowledge, values, photographs and filmed material. The play and fun cultural aspect was approached as a group of knowledge, values, attributions and meanings which a specific group owns and builds, concerning leisure. The register of this experience valorizes the material for encounter and living together and presents corporal culture and supportive community living as foundation for life quality, joy, health preservation and the building of a peace culture in the cities.

KEYWORDS: Leisure Activities. Culture. Play and Playthings.

Para início de conversa...

¹ LAPLAF/CEFID/UDESC – LAPE/CDS/UFSC

À frente dos olhos, quase não servindo a ninguém do seu costume de antiguidade: a praça.

Percebia então, o difícil e feio fato de que muitas praças de uma grande cidade deste país prestam para se passar rapidamente ou olhar ao longe; mesmo assim é um ótimo horizonte.

[...]

Nesta confusão que fazemos entre o orgânico e inorgânico, as árvores são a nossa maior ajuda. Deixe as folhas e as flores perto de nós, sente-se junto de mim e eu lhe contarei outras histórias.

Ouçã o beijo da primavera, cada pétala, cada gesto dizendo um "SIM".

(Vanessa da Mata, 2007)

Esta pesquisa registrou a experiência vivida por um grupo de pessoas, de diferentes idades, moradores do Bairro da Magia, localizado na região norte de Campo Grande (MS) e que, por meio de ações coletivas, transformaram uma das áreas verdes do bairro, na Praça da Poesia.

Essa história iniciou, na década de 1980, quando as famílias foram chegando, de diferentes partes do Brasil, em busca de um local para morar. Nesses processos de migração interna, separados de seus grupos familiares, em busca da sobrevivência, ocorre, de maneira geral, o isolamento e o saudosismo, ou a busca de adaptação por meio de interações com quem está mais próximo. Na Rua Rosa Flores, localizada no Bairro da Magia, na periferia norte de Campo Grande (MS), ocorreu a segunda opção. Por meio de encontros e desencontros, de aceitações e rejeições, as trocas foram acontecendo. Cada família nova que chegava era recebida com cafezinho, bolinhos, oferta de ajuda, empréstimo de ferramentas e de telefone. Aos poucos, foi constituindo-se um grupo capaz de conviver e de partilhar suas diferenças e semelhanças, cada um aprendendo com os outros alguns modos diferentes de ser e de viver. Encontraram-se e iniciaram uma proposta de vizinhança próxima e solidária.

Como é comum, por meio da gastronomia e dos traços culturais mais característicos, aconteceram as trocas iniciais entre os vizinhos. Os gaúchos aprenderam

a apreciar a “sopa paraguaia” que, afinal, é um gostoso bolo de milho; os demais aprenderam a “prosear” ao redor de uma boa roda de chimarrão; e com os japoneses todos aprenderam a cultivar a terra e a colher seus frutos.

O presente estudo conta a história dessa rua e de seus moradores. De homens e de mulheres, bisavós, avós, mães e pais, filhos e filhas, netas e netos, jovens, meninos e meninas que viveram e vivem em uma rua de brincar, de poetizar, de cantar, de dançar, de ser feliz... Inicialmente buscamos entender que fatores são determinantes na construção da cultura lúdica desse grupo de pessoas e os elementos que permitiram e permitem que permaneçam longos períodos envolvidos em brincadeiras de rua a despeito da ideia de que “as crianças e os adultos de hoje não brincam mais”. Afastados da televisão e dos jogos eletrônicos, constroem novas formas de viver a infância e a vida, de forma lúdica e interativa, no espaço urbano. Para esse grupo, o processo de ocupação da Praça significa cada um agir como cidadão e ator cultural, ou seja, parte de uma atitude de não conformismo, mas de crítica, de criar novas maneiras de se construir a vida. Estudo de Marcellino, Barbosa e Mariano (2007) evidencia que essas ações coletivas se constituem como ações cidadãs, capazes de se contrapor ao que está estabelecido e de construir uma nova cultura social fundamentada na participação e no exercício de compartilhar diferenças e sonhos comuns.

A primeira etapa da pesquisa foi desenvolvida no período de agosto de 2008 a junho de 2009 e teve como objetivos: a) Registrar como os adultos e as crianças foram ocupando os espaços da Praça, definindo e redefinindo os limites e as possibilidades das manifestações corporais, das brincadeiras e dos encontros. b) Observar a dinâmica do grupo: a interação de crianças de diferentes idades; os meninos e as meninas; a resolução dos conflitos, a participação dos adultos. c) Compreender como os processos

de construção, manutenção e utilização da Praça da Poesia adquiriram e adquirem significados na vida das pessoas e das famílias do bairro. d) Divulgar os resultados da pesquisa com vistas a contribuir com as políticas públicas municipais de lazer.

Por sua vez, a segunda etapa surgiu da curiosidade e do interesse pessoal das pesquisadoras em, depois de quatro anos, direcionar novamente o olhar para essa Praça e seus entornos com o objetivo de registrar: a) quais os significados que a Praça teve para as crianças que ali viveram sua infância; b) quais os novos significados atribuídos à Praça pelos que moram nas redondezas e a utilizam.

O estudo partiu do conceito de cultura lúdica como o conjunto de conhecimentos, valores, atribuições e significados que um determinado grupo de pessoas, no caso, crianças e adultos, possui em relação ao jogo, ao lúdico e à utilização de espaços públicos (HUIZINGA, 2004; BENJAMIN, 1980, 1984; BROUGÈRE, 2000; MARCELLINO, 1987, 1989, 2005). A questão inicial foi buscar entender quais fatores foram e são determinantes para a construção da cultura lúdica que tem provocado esse grupo de moradores a construir um espaço de convivência que permite a esse grupo permanecer envolvido, por longos períodos, em jogos e brincadeiras de rua, afastado da televisão e dos jogos eletrônicos, construindo, a partir de brincadeiras tradicionais, novas formas de viver a infância e a vida, interativamente, no espaço urbano. Compreender quais fatores garantem a esse grupo, a despeito e por meio de conflitos e diferenças, manter o desejo e a vontade de estar junto em um espaço público e, portanto, coletivo.

Para esse debate, Brougère (2000) oferece os indicativos da “desnaturalização” do agir humano para a questão fundamental da construção de um agir partindo de uma intencionalidade que se origina em contextos social e cultural determinados: “É preciso,

efetivamente, romper com o mito da brincadeira natural. [...] A brincadeira é um processo de relações interindividuais, portanto de cultura. [...] A brincadeira não é inata. Aprende-se a brincar” (p. 97-98). É essencial para a temática da pesquisa desenvolvida, afirmar que, embora ainda não se possa dizer muito sobre a complexidade das influências das brincadeiras sobre a formação humana, essas podem ser conservadoras e conformistas, como podem estar impregnadas das contradições sociais e, dessa maneira, ser condutoras de diferentes experiências. Para o grupo pesquisado, os tempos e os espaços da Praça têm sido caminhos de pensar e de agir coletiva e cooperativamente, em contraponto ao individualismo e à competição, tão exacerbados nas sociedades urbanas capitalistas.

Brougère (2000) afirma que toda cultura é produto da interação social, é o conjunto das experiências lúdicas acumuladas. A criança adquire e constrói sua cultura lúdica brincando, começando pelas primeiras brincadeiras de bebê, participando em jogos com companheiros, pela observação de outras crianças, pela manipulação dos objetos do jogo. Os adultos que brincam com essas crianças – e/ou que as observam brincando – também estão participando da construção dessa cultura lúdica, pois não buscam outra recompensa do que a satisfação de estar juntos, de viver tempos do cotidiano em um espaço coletivo.

Ou seja, quando brincam, adultos e crianças (re)aprendem a brincar, a conhecer e controlar um universo simbólico particular que constitui a cultura lúdica compartilhada por um determinado grupo. No entanto, essa experiência não é transferida naturalmente para o indivíduo, mas é um aprendizado. Cada um, ao mesmo tempo em que assimila esses conhecimentos, é também um construtor e um transformador dessa cultura, por meio das experiências lúdicas, efetivando a

“circularidade cultural” (GINZBURG, 1987). A experiência do brincar também se alimenta de elementos vindos do exterior como o ambiente e as condições materiais. Ou seja, são diferentes fatores que vão constituindo a experiência lúdica: as proibições e as permissões dos adultos; as condições dos espaços na escola, nas cidades e nas famílias; os brinquedos ou objetos colocados à disposição para as brincadeiras; as possibilidades, ou não, do contato com outras crianças e outros.

Como afirma Marcellino (1989, p. 57), a criança, que vive em nossa sociedade, convive com a “[...] impossibilidade de vivência do presente, em nome da preparação para um futuro que não lhe pertence”. Segundo o autor, “[...] negar a possibilidade de manifestação do lúdico é negar a esperança”. Nessa sociedade, na qual parece não haver mais tempo e espaço para seres brincantes, a experiência registrada neste estudo evidencia que, quando há intencionalidade e disponibilidade, o tempo e o espaço urbano podem ser facilitadores do lúdico e do encontro entre as pessoas. Evidencia também que o custo de pequenas praças, nos bairros, é ínfimo, se comparado aos benefícios que podem advir e aos perigos que são evitados com relação à mobilidade de crianças e idosos quando esses espaços ficam próximos de suas moradias.

Uma pesquisa desenvolvida em Campo Grande por Nunes e Silva (2008) evidencia a necessidade de serem desenvolvidos outros estudos sobre essa temática, com o objetivo de entender as consequências da localização geográfica da moradia perante a autonomia infantil para o jogo, bem como a análise da existência de bens culturais, tais como praças, próximos às residências. Dessa forma, nosso estudo parte da abordagem que enfatiza a construção coletiva de um equipamento de lazer e seus significados, trazendo consigo a intenção de impulsionar novas manifestações na comunidade e na cidade.

Buscando respostas: a definição metodológica

Partindo da concepção de cultura lúdica como uma prática e um prazer construídos por meio de múltiplas experiências intencionalmente vividas, a pesquisa registrou, com o exercício de observações participantes fundamentadas na etnografia urbana (MAGNANI, 2002), realizadas ao longo de um ano, as diferentes maneiras de empoderamento² e de utilização da Praça por pessoas de diferentes idades, profissões e graus de escolaridade. O empoderamento se efetiva processualmente, na medida em que cada um conquista o direito de opinar e de participar das ações. Ele engloba senso de responsabilidade, participação e transformações efetivas. Paulo Freire (1979, 1986) contribuiu com a compreensão e o avanço desse conceito ao agregar a noção de conscientização como um processo de conhecimento que se dá na relação dialética homem-mundo, em um ato de ação-reflexão.

Fotografias e filmagens arquivadas pelos moradores ao longo de duas décadas também foram revistas para rememorar o processo e possibilitar o registro e a compressão destas “experiências vividas” (BENJAMIN, 1984). Completando os procedimentos de coleta de dados, buscamos observar e ouvir as crianças e os adultos em um enfoque qualitativo que privilegiou a busca dos significados e das subjetividades (MINAYO, 1994, 2010; DEMO, 1995; MOLINA; TRIVIÑOS, 1999).

As observações participantes e as conversações com coleta de depoimentos informais, obtidos durante as brincadeiras e as caminhadas, permitiram o registro minucioso e sistematizado dos diferentes momentos vivenciados na Praça: a chegada

² “O ‘empoderamento’ da comunidade, para que ela seja protagonista de sua própria história tem sido um termo que entrou para o jargão das políticas públicas e dos analistas, nesse novo milênio. Trata-se de processos que tenham a capacidade de gerar procedimentos de desenvolvimento autossustentável, [...]. O novo processo tem ocorrido, predominantemente, sem articulações políticas mais amplas, principalmente com partidos políticos ou sindicatos” (GOHN, 2004, p. 23).

das pessoas, a formação dos grupos, a discussão sobre o que fazer, o início e o desenrolar das brincadeiras, a troca de atividades, a resolução dos conflitos, a participação de cada uma, o momento da dispersão. O diário de campo foi utilizado, para os registros cotidianos, com vistas à posterior compreensão dos processos de utilização do espaço.

Foram ouvidas oito crianças, dez adolescentes e quinze adultos que residem nas proximidades do Bairro da Magia e que frequentam habitualmente a Praça da Poesia. Durante o desenvolvimento da pesquisa, o Grupo Desbravadores Pantanal, constituído por adolescentes ligados a um núcleo da Igreja Batista, passou a frequentar a Praça e também participou da pesquisa. Todos os nomes citados são fictícios para não identificar os participantes da pesquisa, bem como o nome do bairro e das ruas. Por seu forte significado para o estudo, o nome da Praça da Poesia foi mantido.

Depois de quatro anos, novamente foram realizados levantamentos junto à comunidade frequentadora da Praça, com a intenção de verificar o que esse espaço significou para as crianças que ali cresceram e o que significa para as pessoas que frequentam a Praça atualmente. Foram utilizadas as fotografias de outrora e de agora, as conversas informais, os registros nas redes sociais (*facebook*) e as trocas de e-mails.

A singularidade da Praça da Poesia como equipamento de lazer: o que registraram as fotografias de outrora e as experiências vividas...

O Bairro da Magia faz parte do Parque dos Novos Estados, tendo sido construído no final da década de 1970. Inicialmente houve financiamento para funcionários públicos que, com o decorrer do tempo, se tornaram inadimplentes junto ao Banco Nacional da Habitação (BNH). As casas foram abandonadas e passaram a ser

ocupadas por famílias de baixa renda. No final da década de 1980 as casas foram sendo retomadas e novamente financiadas. Atualmente é um conjunto residencial habitado por famílias que possuem renda familiar média em torno de três mil reais.

O bairro possui seis áreas verdes, reservadas no período da construção das casas, para a implantação de praças, creches, postos de saúde, quadras esportivas, igrejas ou para atender a outras reivindicações da comunidade. No entanto, embora o bairro já tenha sido construído há quase trinta anos, as outras cinco áreas verdes continuam inutilizadas e abandonadas. De tempos em tempos surge algum pequeno comércio de lanches que logo é abandonado. Às vezes, alguns moradores plantam algumas árvores que acabam morrendo por depredação ou falta de cuidados. O que ocorre no Bairro da Magia em relação aos equipamentos de lazer não é um fato isolado nas políticas públicas que são definidas pelo poder das elites e sem a participação da população, como evidencia um estudo de Magnani:

Tem-se a cidade como uma entidade à parte de seus moradores: pensada como resultado de forças econômicas transnacionais, das elites locais, de *lobbies* políticos, variáveis demográficas, interesse imobiliário e outros fatores de ordem macro [...] (2002, p.14).

Nesse cenário, a construção coletiva da Praça da Poesia, como o único equipamento de lazer disponibilizado para, aproximadamente, quatrocentas famílias, torna-se ainda mais significativo. A falta de equipamentos de lazer no meio urbano tem contribuído para que as crianças sejam descritas como desinteressadas pelo brincar e sem a cultura de frequentar os espaços públicos como forma ampliada de seu espaço privado. Os adultos, de maneira geral, não têm apresentado paciência com o brincar e com a convivência, pois, preocupados com a sobrevivência parecem sempre cansados e estressados (MARCELLINO, 1987, 1989, 2005; TONUCCI, 1997). No entanto, o grupo de moradores da Rua das Flores tornou e torna o espaço público como

possibilidade de encontros, de interações, de brincadeiras, de confraternizações. Todos se conhecem, sabem nomes e parte da história de cada família, formando uma rede significativa de trocas, apesar de suas diferenças e de suas ocupações profissionais.

A caracterização desses moradores é semelhante à configuração de grupos de moradores de outras ruas de conjuntos habitacionais urbanos e, portanto, é bastante heterogênea. No entanto, fizeram e fazem a diferença. As demais ruas do bairro não apresentam as mesmas características, o mesmo desejo e vontade de viver o coletivo. Por que isso ocorreu dessa forma? Se a estrutura das sociedades urbanas capitalistas privilegia a competição e o individualismo, por que essa rua é diferente? Nessa busca, detectamos, na história do grupo pesquisado, a iniciativa de um casal de professores gaúchos que chegou em 1987 e que, engajados política e socialmente, traziam a experiência da participação em movimentos de base ligados às pastorais sociais da Igreja Católica; ao Movimento Nacional dos Meninos de Rua; aos movimentos sociais ligados às lutas pela moradia, pelos direitos humanos e pela reforma agrária. Somaram-se a eles, três estudantes universitários que formavam uma república localizada na mesma rua. Filiados ao Partido dos Trabalhadores (PT), acabaram catalisando para a rua a vinda de outras pessoas também engajadas social e politicamente.

Esse grupo foi interagindo com os moradores da rua, foi propondo os encontros e as festas coletivas, nas quais cada um trazia algo para compartilhar. Nesse processo, as amizades foram se tornando sólidas. As crianças também estavam ali e foram aprendendo e ensinando o valor das trocas, o valor de repartir o pão, o doce, o conhecimento, o afeto, a alegria.

Alguns, ao se conhecer melhor, foram se amando, outros se detestando, enfim, como afirmou Gramsci (2005), onde existem pessoas, existem contradições e, portanto,

possibilidades de encontros e de desencontros. Na Rua das Flores não foi diferente, com algumas brigas, algumas confusões, mas com muita capacidade de viver as experiências das “desidades”³ (NOAL, 2006), crianças, jovens, adultos e idosos, aprenderam a se respeitar e a se divertirem juntos.

Nesse processo foi pensada e construída a Praça da Poesia como um local privilegiado de encontros e alegrias, no qual árvores frutíferas e ornamentais, plantadas e cuidadas pelo coletivo de moradores se misturam com poesias, conversas, brincadeiras e risos de crianças e de adultos. As crianças de ontem cresceram, algumas estão nas universidades, algumas estão casadas e com filhos e continuam convivendo com as crianças que nasceram e estão nascendo nessa rua e nas proximidades, em um processo de renovação da vida e da experiência do viver coletivo.

A coleta de fotografias antigas possibilitou reconstituir o processo de organização e as diferentes formas de empoderamento do espaço. A referida área era semelhante às outras seis áreas verdes existentes no bairro. Nas décadas de 1970 e 1980, havia a braquiaria, um capim utilizado para a alimentação bovina, e famílias desempregadas vinham colher suas sementes para vender e assegurar uma renda. Mais tarde essas áreas foram sendo abandonadas e, com exceção da Praça da Poesia, as outras cinco permanecem sem cuidados e sem árvores.

As fotografias de outrora, final da década de 1980 e início da década de 1990, registram as crianças brincando no espaço verde acompanhando os adultos que

³ Manoel de Barros, poeta sul-mato-grossense, é mestre na criação de neologismos: “despalavras”, “desobjetos”, “aprendimentos”. Seguindo as invenções do poeta, a autora propôs o termo “desidades” para caracterizar a relativização da cronologia na vida dos moradores da Aldeia Pirakuá/MS, campo da sua pesquisa de doutoramento e para indicar que, na cultura indígena, não há uma idade pré-estabelecida para cada aprendizagem ou experiência ocorrer (assim como uma criança pequena pode subir em uma árvore, um adulto pode rolar no chão como uma criança). Essa maneira de viver a infância e a vida adulta, sem comportamentos tão pré-estabelecidos e sem medo de ser brincante, se faz presente entre os sujeitos da pesquisa apresentada neste artigo.

iniciavam a plantação de árvores frutíferas e de sombra. Nesse espaço também foram construídas várias alternativas para as brincadeiras das crianças: pista de bicicross; quadra de tênis adaptada; quadra de vôlei de areia; mastro para o jogo de espiribol. As árvores foram casas de bonecas, suporte para balanços, armações para barracas de acampamentos e, em seu entorno, brincava-se de esconde-esconde, de pega-pega, de queimada, de “betis”, de pipa. Suas sombras abrigavam o grupo de moradores que sentava para longas conversas.

Nesse período, as casas voltaram a ser financiadas e iniciaram as ampliações e as reformas. A área verde recebia frequentemente montes de areia que, antes de serem utilizados para as construções, provocavam a invenção de muitas brincadeiras. Para as crianças, qualquer coisa poderia virar brinquedo e, o interessante, é que os adultos não interferiam, não proibiam. Ao contrário, divertiam-se ao olhar para a sujeira e as peraltices da turminha.

Dessas conversas começou a ser cultivado o sonho de um espaço mais organizado, com mais árvores e trilhas para caminhadas. As tentativas foram muitas. O grupo reunido foi encontrando caminhos para concretizar o sonho. Uma arquiteta fez o projeto que foi entregue na Prefeitura Municipal e que, embora aprovado, nunca foi executado. Esse fato frustrou o grupo, mas ao ler Tonucci (2005) e sua advertência para evitar a construção de espaços especializados, dedicados a categorias particulares, foi possível compreender o quanto o grupo ganhou ao não ter a Praça construída naquele momento.

A Praça da Poesia, por ter sido projetada e construída aos poucos, e por diferentes pessoas, tornou-se um local acolhedor, informal e, portanto, um espaço de todos, voltado para as criatividade e para as diferenças. Por não ter seguido um projeto

definido à *priori*, o espaço foi acolhendo diferentes iniciativas. Um rapaz, Jorge, cercou a área e iniciou a organização de uma plantação de mandioca e batata doce que acabou não se concretizando. Árvores foram plantadas por alguns e derrubadas por outros moradores que acreditaram em políticos que prometeram a aprovação e a execução de um mega projeto e que, após as eleições, desapareceram. Mas a ideia de cuidar do espaço permaneceu e outras árvores começaram a ser plantadas. As fotografias registram os mutirões para o plantio, para as regas e para os cuidados com a área. Nesse processo, houve períodos de intervenção mais intensa, houve recuos, mas a área nunca mais foi totalmente abandonada. Em seu entorno aconteceram encontros coletivos relacionados ao calendário festivo: Carnaval, Páscoa, Festa Junina, Dia das Crianças, Natal.

As crianças foram crescendo e assumindo a organização de gincanas, jogos, lanches coletivos, acampamentos. Os adultos continuaram apoiando e participando. Júlio (14) organizou uma coleta de lixo reciclável com o objetivo de vender e criar um fundo para a manutenção da Praça e para subsidiar as brincadeiras, as gincanas e as festas. De suas experiências vividas durante seus quinze anos, afirma: “É como um objeto que tenho, que faz esquecer dos problemas e de tudo. Além do básico, como a amizade e a convivência em grupo, também aprendi a ter um pensamento diferente sobre a vida”.

Bingos foram organizados pela Ana (54), mãe do Júlio, com o mesmo objetivo. A Praça também acolheu o Tião (67), já falecido, que havia chegado do interior e não queria ficar parado e, dessa forma, passou a ajudar a manter o espaço limpo. Algumas famílias passaram a contribuir com dez reais, recolhidos mensalmente pela Dona Sonia (80), para que o valor arrecadado fosse repassado para o Tião, como forma de

agradecimento pela sua dedicação e de ajuda para a sua sobrevivência. O grupo optou por manter uma infraestrutura mínima, privilegiando o plantio de árvores, por avaliar que as políticas públicas sofrem interrupções e que construções de banheiros e outras benfeitorias poderiam transformar-se em problemas futuros, como já acontece em outras praças.

As árvores crescidas modificaram o espaço e os moradores, mais uma vez, reivindicaram ao poder público a construção de vielas para caminhadas e a iluminação do espaço que, em 2006, passou a se denominar Praça da Poesia porque um dos moradores, Alberto (57), *designer* e leitor de Fernando Pessoa, confeccionou uma placa com uma poesia e a pendurou em uma árvore: “Dizem que há mundos lá fora, que nem em sonhos eu vi. Mas que me importa os sonhos do mundo, se tudo que eu tenho é aqui?”.

Essa placa desencadeou uma oficina de leitura e pintura com o objetivo de confeccionar várias outras placas com poesias. Adultos e crianças pesquisaram poesias em livros disponibilizados pelos moradores e, com ajuda coletiva, as placas foram sendo confeccionadas. Algumas das poesias escolhidas: “Quem tem pés de coração, detesta pisar o duro do chão.” e “Guarda-chuva na rua esconde o sol, finge que é lua.” de Eva Furnari; “Uma vida não basta apenas ser vivida; precisa ser sonhada.” e “Sonhar é acordar-se para dentro.” de Mário Quintana; “Poesia não compra sapatos, mas como andar sem poesia?” de Emmanuel Marinho. Cada um escolheu uma árvore para colocar a sua placa e as caminhadas tornaram-se mais poéticas e mais amenas.

Alberto, *designer*, assim falou sobre a experiência de morar em frente à Praça:

Sérgio Fingerman, artista plástico criou uma coleção de obras de arte que descreve o seguinte: como todos os dias pela manhã saia para andar ordenou em um terreno básico uma caixa de maçã que decompunha-se com o passar dos dias, ficando assim somente grampos e pregos enterrados, que ele transportou para as telas compondo uma obra de arte contemporânea

maravilhosa. É com esse olhar que vejo nossa rua transformando todos os dias na natureza e nas pessoas e tudo é muito lindo e poético.

A filha caçula de Alberto, Flávia (16), atualmente atriz em São Paulo, ao ser perguntada sobre a experiência de viver nessa rua, afirmou:

Eu gosto dessa rua porque eu cresci aqui alegremente e feliz. Fui morar em São Paulo e chorava muito para voltar. Esta rua significa lazer e momentos de tristezas e alegrias ao lado dos meus amigos. Aprendi a conviver com as pessoas sem estresse. A Praça significa a união de todos os moradores.

Era possível observar as crianças e os adolescentes brincando de pegar em cima das árvores, demonstrando habilidades motoras que poucos conseguem desenvolver nos espaços urbanos. Pode-se observar homens e mulheres caminhando em diferentes horas do dia, protegidos pela sombra das árvores que ajudei a plantar. Fico encantada com tucanos, araras e muitos outros tipos de pássaros que frequentam diariamente a nossa Praça e nos lembramos de Manoel de Barros (2008, p. VI): “Os andarilhos, as crianças e os passarinhos têm o dom de ser poesia.”.

Da janela era possível ver a Praça e lembra-se do Murtinho (45), um rapaz andarilho que conviveu conosco e que também ajudou a plantar árvores e flores. Não podemos falar da rua sem falar no Murtinho, presente em todas as festas e em todos os portões. Com ele nós aprendemos a entender um pouco melhor a simplicidade e o mistério da vida dos “loucos” de rua. Em uma tarde Murtinho foi encontrado na Praça, como se estivesse falando ao celular. Perguntamos o que estava fazendo, pois logo percebemos que o aparelho não funcionava. Recebemos uma das mais lindas respostas que se poderia escutar: “Tô conversando com um sabiá!”. Esse mesmo senhor, em uma noite de outubro de 2006, morreu atropelado, enquanto exercitava seu velho hábito de dormir no meio das ruas do bairro. Ficou a saudade que, como afirma Marisa Monte: “não é ter a falta de alguém, mas a presença”.

Atualmente, a Praça da Poesia possui iluminação e vielas para caminhadas. As marcações dos metros caminhados foram efetivadas pelo Michel (57), professor de artes, mas já foram destruídas pelo tempo. As placas com as poesias também sofreram a ação do tempo e precisam ser refeitas, a Prefeitura Municipal tem assegurado a manutenção mensal e a reposição das lâmpadas. João (57), professor universitário, um dos idealizadores da Praça afirma:

Nesse espaço já vivemos muitos momentos de alegria, ajuda, partilha. É um espaço no qual nos sentimos mais unidos com os vizinhos e também onde experimentamos as dificuldades da convivência entre pessoas com concepções muito diferentes. Percebo que é um espaço das crianças e dos jovens, embora muitos adultos caminhem diariamente por suas trilhas. As crianças e os jovens curtem a natureza e as possibilidades de convivência que esse espaço proporciona. Gosto muito de ouvir as conversas e as risadas das crianças e observar a brincadeira de pegar, subindo e descendo das árvores. Ainda há muito para ser vivido e a ser realizado nesse espaço, pois nossa utopia é proporcionar um espaço para o encontro entre as pessoas retirando-as do isolamento e do excesso de televisão e internet.

Atualmente a Praça da Poesia é um local consolidado como equipamento de lazer e já não é mais somente dos antigos moradores. Pequena, charmosa, com flores, frutas e muita sombra, tem atraído pessoas dos bairros próximos. A casinha construída no alto de uma das árvores é atração para crianças, jovens e adultos. São famílias que chegam de carro, motos e bicicletas e ali permanecem algumas horas. Os adultos caminham, as crianças brincam e depois todos participam de lanches e rodas de conversas. São casais de namorados que trocam carinhos e não perdem a oportunidade de brincar nos balanços. São crianças que curtem o tempo após as aulas.

Essa dinâmica de utilização do espaço tem provocado reações diferentes nas famílias que residem nas proximidades. Algumas compreendem que a Praça é um espaço público e acolhem os visitantes. Há outras famílias que se incomodam com as risadas e as brincadeiras das crianças ou ficam preocupadas com possíveis atos de violência. No entanto, nenhum morador tem a ousadia de interferir nesses processos de

apropriação do espaço, pois compreendem a delicadeza da situação e, de alguma forma, avaliam que ficariam isolados ao tomarem qualquer atitude coercitiva. Avaliamos que mesmo aqueles que se sentem mais incomodados possuem belas recordações de seus filhos brincando na Praça e acabam aceitando que esse privilégio precisa ser compartilhado. Esses conflitos e tensões, tão presentes nos fenômenos sociais, foram evidenciados nos estudos de Melo (2002, p.4) em relação a equipamentos que também foram conquistados e não concedidos: “[...] porque nesse importante âmbito e *lócus* de vivência social, defrontam-se parâmetros diferenciados de compreensão cultural, de acordo com os diversos interesses existentes”.

Nessa dinâmica de diferentes ocupações e maneiras de conviver, a Praça da Poesia foi descoberta, há quatro anos, pelo Grupo Desbravadores Pantanal, ligados à Igreja Batista e com organização e objetivos semelhantes aos grupos de escoteiros. Perguntamos para a responsável pelo grupo, Silvia (46), por que haviam escolhido essa Praça e ela assim respondeu: “Porque um dos objetivos do Grupo é conviver harmoniosamente com a natureza e essa Praça tem muitas árvores, muitos passarinhos e muitas pessoas. Queremos ajudar a manter esse espaço tão bonito.”. O Grupo passou a frequentar o espaço, realizaram uma gincana, uma coleta de lixo orientada e uma feirinha de artesanato. Participaram durante um ano do convívio e da manutenção, depois houve troca de coordenação e não apareceram mais na Praça.

Assim, pode-se perceber que a utilização dos espaços da Praça da Poesia é dinâmica e acontece de forma diversificada, em diferentes horas do dia, com atividades e grupos também singulares. Ao amanhecer do dia, mais ou menos a partir das cinco horas da manhã pessoas da redondeza começam a fazer caminhadas. São senhoras e senhores que buscam esse espaço por ser agradável, bem cuidado, seguro e por estar

próximo de suas casas. A senhora Aparecida (60), dona de casa, mantém o hábito de caminhar todas as manhãs, bem cedinho, antes de iniciar suas tarefas domésticas. Nestor (57), caminhoneiro, um dos primeiros moradores, faz poucos dias que iniciou as caminhadas, mas reconhece que frequentar a Praça é muito saudável. Joelma (56), dona de casa, por recomendação médica começou a caminhar faz mais ou menos quatro anos e afirmou que gosta muito de acompanhar o crescimento das plantas. Pedro (50), comerciante, que tem problemas de circulação e receio de sofrer um derrame, só caminha quando a esposa está de férias, pois no restante do ano o Parque do Horto Florestal, localizado na região central da cidade, torna-se mais acessível. Francisco (68), aposentado, disse que faz mais de um ano que mantém o hábito de caminhar na Praça, todas as manhãs, com o objetivo de praticar atividade física. Afirmou que é muito agradável caminhar entre as árvores, ouvindo os passarinhos. Foi interessante que, ao ser questionado se tinha o hábito de caminhar na Praça, perguntou rapidamente e um pouco tenso: Por quê? Não pode caminhar?

Mascarenhas, o Vô Mascarenhas (80), um dos primeiros moradores da rua, é uma das nossas seguranças para evitar que alguma arbitrariedade do governo aconteça na Praça da Poesia. Atento, ex-vereador em uma cidadezinha do Paraná, aprendeu com a experiência, a defender as possibilidades da vida simples e próxima da natureza. Em sua memória está registrado o processo de construção e de uso da Praça:

Era somente mato e teve grande melhora com árvores e passeios [vuelas]. O esforço do João em montar a Praça e ele conseguiu tudo. Uso muito a Praça para cortar caminho entre a minha casa e das minhas filhas. Cuido dos namoros e acho alguns imorais. Gosto desse espaço e o barulho das crianças não me atrapalha.

A neta do Vô Mascarenhas, Vivian (26), advogada, foi uma das crianças que ajudou a construir a Praça e tem orgulho de ter participado. Lembra que, aos dez anos,

ajudou a plantar várias árvores. Hoje faz caminhada e contempla o pôr do sol. Seu Manuel (65), comerciante, tem na Praça a extensão de seu grande e cultivado quintal. É muito comum observá-lo buscando ninhos de formigas, plantando árvores ou conversando com as pessoas que caminham pelas trilhas.

Para Jurema (12), a Praça: “Significa um lugar para brincar, conhecer amigos e andar de bicicleta. Aprendi muita coisa boa e muitas brincadeiras. É um lugar muito especial e agora ficou ótimo para andar de bicicleta com meus amigos”. Para Aline (16): “Esta rua tem um significado muito importante para mim porque tudo que vivi até hoje foi aqui. Aqui aprendi a valorizar as amizades e a dar mais valor em tudo que tenho. Apesar de ter sido muito difícil de conquistar a Praça acho que é uma coisa muito legal.”.

Essas são algumas das pessoas que utilizam a Praça e que se constituíram protagonistas dos cuidados com a própria saúde e com o bem estar. São pessoas que dificilmente frequentam os parques e as praças da cidade, mas que, pela proximidade e segurança de acesso podem estar diariamente na Praça da Poesia. No entanto, a reação de medo do senhor Francisco evidencia como ainda não percebemos e não frequentamos as praças como nossas e, sim, como resultado das benesses das políticas eleitorais, controladas por agentes externos que definem, arbitrariamente, como e quando podem ser usadas.

Nessas políticas, muitos espaços públicos são projetados de maneira tão sofisticada que depois de prontos precisam ser vigiados, com hora para abrir e para fechar. Melo (2002) adverte sobre os riscos das intervenções autoritárias sobre os espaços comunitários, alertando que muitas vezes o poder público não é capaz de investigar de fato o que a população de determinado local gostaria de ter como equipamentos de

lazer, e por isso acabam construindo monumentos que não são muito utilizados pela comunidade.

Campo Grande é uma cidade planejada, arborizada e possui vários parques e praças construídos pelo poder público. A Praça da Poesia não deve ser comparada com os grandes parques e praças que existem pela cidade. Para os moradores da região, esse pequeno e simples espaço amplia seu significado a cada dia, a cada brincadeira compartilhada, a cada caminhada. Sua construção foi o resultado dos sonhos de muitos e, por isso, tornou-se tão singular e tão frequentada.

Podemos afirmar que a peculiaridade da Praça é outra e a forma como tem sido frequentada coincide com a afirmação de Tonucci (2005, p. 132): “Não importa se as praças são pequenas, basta que sejam muitas”. Tonucci (2005) e Marcellino (1987; 1989) alertam para a necessidade das periferias das grandes cidades serem contempladas com equipamentos de lazer ou terem a revitalização dos equipamentos já existentes, pois, muitas vezes, os bairros distantes são projetados para serem dormitórios de adultos que saem de manhã para ir trabalhar e voltam à noite. No entanto, esses adultos têm filhas, filhos e parentes idosos que permanecem nas proximidades das residências e que têm direito de frequentar espaços que melhorem sua qualidade de vida:

É no plano local, especialmente num dado território, que se concentram as energias e forças sociais da comunidade, constituindo o poder local daquela região; no local onde ocorrem as experiências, ele é a fonte do verdadeiro capital social, aquele que nasce e se alimenta da solidariedade como valor humano. O local gera capital social quando gera autoconfiança nos indivíduos de uma localidade, para que superem suas dificuldades. Gera, junto com a solidariedade, coesão social, forças emancipatórias, fontes para mudanças e transformação social. (GOHN, 2004, p. 24)

Apresentamos a Praça da Poesia com a mesma informalidade com que as crianças vão surgindo: em grupos, sozinhas, no colo das mães, brincando, jogando, no alto das árvores, nos dias de sol, sob a chuva... Os adultos, muitas vezes, estão por perto.

Apresentamos a Praça da Poesia e seu cotidiano acontecendo, como as crianças estabelecem relações, como encontram situações que precisam ser contornadas e como respondem aos problemas ou obstáculos. Fotografias em sequência registram as crianças no processo de criarem suas brincadeiras e como objetos, espaços e ações do cotidiano vão constituindo-se brincantes. Como afirmam Marcellino, Barbosa e Mariano (2007, p. 10), os frequentadores da Praça são gente como outras gentes: “[...], bem distante do que se poderia caracterizar como ‘classe ociosa’, que trabalha, luta para trabalhar, mas que também faz questão de preservar a alegria, na maioria das vezes, impossível no ambiente de trabalho, pela rotina, pela exploração etc.”.

É assim que a vida acontece na Praça da Poesia, mistura de idades, de gêneros, de experiências, de conhecimentos, de crenças, de esperanças, de entusiasmos, de alegrias, de tristezas, de decepções. Nesse contexto é que vários jovens de hoje tiveram as suas infâncias marcadas pela sujeira da terra vermelha entre os dedos dos pés, sujeira essa que exigia longos minutos embaixo do chuveiro para ser limpa. No entanto, são as experiências dessas “sujeiras” que permanecem na memória coletiva e que, mesmo depois de lavadas com água, sabão e bucha, ainda estão marcadas nos corações desses meninos e dessas meninas que são capazes de amar e de brincar a vida em um mundo quase sem humanidades. São seres que, vivendo, aprenderam o valor e o sabor do encontro, da ternura, do contato, do coletivo, da natureza, da alegria que vem do brincar e do estar juntos.

E a história continua...

Desde a coleta de dados até hoje se passaram cinco anos e a Praça da Poesia continua sendo utilizada pelas pessoas que a cercam como um equipamento de lazer, de

encontro, de trocas, de experiência, de cuidados com a saúde. Esses significados múltiplos e a continuidade da utilização da Praça mostram a importância de se construírem pequenos equipamentos de lazer nas áreas periféricas da cidade, assim como de revitalizar os já existentes, em diálogo com os grupos sociais que vivem em seus entornos.

No entanto, mesmo com a constante participação e a luta contínua para a manutenção da Praça, ainda há muito a ser realizado pelas políticas públicas municipais. Esse fato reforça a ideia de que os equipamentos existentes nas periferias, infelizmente, ainda são deixados de lado pelos governantes que dão prioridade aos espaços localizados nos bairros mais centrais ou mais luxuosos que, invariavelmente, ficam ociosos. Mas os moradores da Rua das Flores não desanimam, pelo contrário, tornam a Praça um local para discussões políticas, organização das reivindicações e busca por autogestão do bairro. Segue o alerta de Gomes (2004), quando afirma que o lazer pode ajudar a mascarar as contradições sociais, mas, por outro lado, pode representar uma possibilidade de questionamento e resistência à ordem social injusta e excludente que predomina em nosso meio. Assim, dialeticamente, esses moradores reforçam o posicionamento político de que a organização coletiva consegue gerar espaços e tempos públicos adequados para a consolidação de estilos de vida mais saudáveis e plenos.

Além das questões políticas que a Praça desperta, percebemos que há influência dessa experiência vivida na escolha das profissões e nos caminhos que as antigas crianças foram trilhando, marcadas pelos significados que a convivência na infância semeou. As crianças que brincavam há cinco anos cresceram, estão hoje cursando Ciências Sociais, Artes Cênicas, Direito, Engenharia Ambiental, Música, Educação

Física. Algumas já se formaram, algumas mudaram de cidade para estudar, outras trabalham, poucas casaram. Em todas algo em comum: as marcas profundas do que a Praça e seu entorno significaram para cada criança que passou por ali.

Quando parecia que a Praça seria abandonada por conta dos afazeres de cada um e do crescimento das crianças, dona Maria (60) passou a organizar o Café na Praça da Poesia, realizado no primeiro domingo de cada mês, no qual todos os vizinhos são convidados e têm a possibilidade de se encontrar, trocar receitas, experimentar quitutes, contar piadas, falar dos filhos e dos netos. Assim, a vida continua no coletivo, o ciclo de amorosidade está retomado, a Praça vai sendo transformada e transformando quem nela convive, na convicção de que: “Casa com telhado para afastar passarinho não vira ninho” (RUIZ; REZENDE, 2008, p. 25).

Essa vitalidade é perceptível pelos recados deixados pelas crianças de outrora no *facebook*. Basta alguém inserir uma foto ou um comentário que, rapidamente, surgem mais de cinquenta comentários provocados pela saudade, vindos de diferentes lugares do Brasil. Relembra as brincadeiras, as histórias, os pontos cirúrgicos levados por conta dos tacos de “betis”, os amores de infância, os passeios e os lanches coletivos, as festas, as brigas que acabavam em pouco tempo e, em comum, a gratidão de todos pela infância encantada que tiveram. As fotos compartilhadas no *facebook* aguçam a saudade e fazem rir e chorar por conta dos cabelos esquisitos, das fisionomias engraçadas, das roupas que eram moda, das palavras de guerra, dos segredos ainda guardados no lado esquerdo do peito.

Esse grupo se constitui e se recompõe a cada dia, na mágica experiência do amor entre uma grande família que tem o DNA das árvores, dos pássaros, do carinho e do

desejo de ser feliz juntos, pois, com Renato Teixeira (2005), cantam: “Somos todos irmãos da lua, vivemos na mesma rua”.

Júlio (20), hoje estudante de Ciências Sociais na USP, escreveu um texto que foi lido no Café da Praça da Poesia no dia 01 de setembro de 2013 e enviado para todos que fizeram e fazem parte da Praça. O texto é um libelo e comprova que as experiências vividas na infância ficam marcadas e internalizadas na vida adulta:

Em busca de novos métodos, novas fórmulas, novas soluções, o homem se confunde em complexidades desnecessárias. Síndrome de adultismo. Devo dizer que tenho lá meus problemas e complexidades. Choro por bobagens, me irrita por futilidades, me envolvo em assuntos desnecessários. A síndrome me afeta em algum sentido e eu sinto que, por hoje estar sobre a última folha do pé d'ingá, meu passado virtuoso, meu mundo fantástico da infância não volta mais. O que me consola – e que, várias vezes, solucionou diversas angústias – é poder voltar naquele pé. Aquele da minha praça. Hoje já não mais como o da minha primeira lembrança, mas ainda ele, o mesmo que eu escalei e desescalei diariamente. A verdade é que mesmo sobre a última folha, a mais alta, do pé d'ingá, ainda sinto o frescor de sua sombra.

Esse texto arrepia e faz chorar quem sentiu o vento batendo nos cabelos embaixo do “pé d'ingá”. Como afirma Cornell (1996), é mais interessante levar as crianças até a natureza do que ensinar teorias, pois a experiência quando significativa gera a transformação. Essa transformação é perceptível na convivência com essas crianças que participaram e participam dos tempos e dos espaços da Praça, tornaram-se jovens e adultos responsáveis, sensíveis, preocupados com o coletivo, pessoas que declaram sentir saudade do que foi vivido e que reconhecem a importância de cada um na constituição do coletivo. Hoje, a Praça é cenário das infâncias de outras crianças que vão chegando com suas cirandas, bolas, cordas, pipas, bicicletas, cambalhotas e desejo de subir nas árvores. Hoje, a Praça continua sendo o espaço para tempos de encontros e de convivências, na certeza de que: “A criança que não brinca não é criança. Mas o

homem que não brinca perdeu para sempre a criança que vivia nele e que lhe fará muita falta” (NERUDA, 1977, p. 272).

Chegando ao final, sem concluir...

A experiência registrada evidencia a importância das pequenas praças, localizadas próximas das residências, para a experiência da cooperação entre as crianças e os adultos. Sem negar a importância dos grandes parques, as pequenas praças aparecem como espaços privilegiados para o encontro diário das crianças e dos adultos que residem nas proximidades. Os grandes parques são importantes como reservas ecológicas nos centros urbanos, mas, geralmente, as crianças e as pessoas idosas não conseguem chegar até eles sozinhas e tampouco podem permanecer neles sem a presença de adultos ou de cuidadores. São espaços para passeios organizados pelas escolas ou pelas famílias, aos finais de semana. Demandam tempo e possibilidade de locomoção.

No entanto, as pequenas praças, localizadas nos bairros, são espaços para o dia-a-dia, para os pequenos intervalos, permitem brincadeiras rápidas ou demoradas, de acordo com as possibilidades e desejos do grupo. Geralmente não oferecem perigos ou restrições porque a proximidade das casas permite que, se necessário, as crianças e as pessoas idosas sejam acompanhadas ou auxiliadas. Nessa dinâmica, os adultos também usufruem desse espaço para caminhadas e conversas descontraídas porque, na Praça, ocorrem encontros, as folhas caem em círculos e renovam as esperanças, a chuva vem e leva para longe as tristezas, o arco-íris se faz presente e deixa as vidas mais coloridas.

Considerando as reflexões feitas até aqui, a pesquisa proposta torna-se relevante para as políticas públicas de lazer e para a organização de moradores. O registro desse

estudo poderá contribuir para a efetivação de espaços que possibilitem o encontro e a convivência lúdica de outros grupos sociais. Esse registro também poderá valorizar a Educação Física e as atividades com a natureza porque se propõe a evidenciar a cultura corporal e a convivência solidária como fundamentos para a qualidade de vida e a preservação da saúde.

O viver dos moradores da Rua das Flores é revolucionário porque se contrapõe ao individualismo, à competição, ao consumo, instituídos como padrões sociais contemporâneos. É um viver concreto que aposta na esperança e nas possibilidades do futuro que é semeado hoje, na concretude do chão e do viver.

O registro dessa história demonstra que as crianças e os adultos, com tempo e espaços abertos ao brincar, são construtores de novas formas de estar juntos, de conviver, de interagir, mesmo que a vida seja urbana e que o lúdico não seja uma prioridade em nossa sociedade. Demonstra a importância da organização em torno de objetivos comuns. Demonstra que somente espaço e tempo para brincar não são suficientes, é preciso construir culturas lúdicas. Demonstra que uma Praça pode ser condutora de valores humanizantes como o respeito, a paciência, os limites, a ética, a esperança. Demonstra que, adultos e crianças, mesmo inseridos em um sistema econômico e social tão violento e excludente, mesmo com os conflitos inerentes a qualquer convivência grupal, podem ser pessoas, dialeticamente reivindicativas, politizadas, felizes, criativas, cooperativas, solidárias e brincantes.

A pesquisa chegou ao final, a Praça da Poesia continua e espera outras pesquisas, outros olhares, outras interpretações que não puderam ser feitas. Convidamos você a rememorar as praças de sua infância, a reviver alguns momentos, a escolher algumas imagens inesquecíveis, a dialogar com as folhas que caem suavemente,

rodopiando no espaço e, esperamos, você sentirá a doce textura da liberdade de ser e de viver em plenitude.

REFERÊNCIAS

- BARROS, Manoel de. **Memórias inventadas: as infâncias de Manoel de Barros**. São Paulo: Planeta, 2008. 189 p.
- BENJAMIN, Walter. **Reflexões: a criança, o brinquedo, a educação**. 5. ed. São Paulo: Summus, 1984. 176 p.
- _____. Textos escolhidos. In: BENJAMIN, Walter; *et al.* **Textos escolhidos**. São Paulo: Abril Cultural, 1980. Coleção Os Pensadores. p. 01-85.
- BROUGÈRE, Gilles. **Brinquedo e cultura**. 3. ed. São Paulo: Cortez, 2000. 112 p.
- CORNELL, Joseph. **Brincar e aprender com a natureza**. São Paulo: Melhoramentos, 1996. 121 p.
- DEMO, Pedro. **Metodologia científica em ciências sociais**. 3. ed. rev. e ampl. São Paulo: Atlas, 1995. 294 p.
- FREIRE, Paulo. **Conscientização**. São Paulo: Cortez, 1979. 116 p.
- _____. **Educação como prática da liberdade**. 34. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2011. 192 p.
- GINZBURG, Carlo. **O queijo e os vermes: o cotidiano e as ideias de um moleiro perseguido pela Inquisição**. 9. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1987. 312 p.
- GOHN, Maria da Glória. Empoderamento e participação da comunidade em políticas sociais. **Saúde e Sociedade**, São Paulo, v. 13, n. 2, p.20-31, Ago. 2004.
- GOMES, Chistianne Luce (Org.). **Dicionário Crítico do Lazer**. São Paulo: Autêntica, 2004. 238 p.
- GRAMSCI, Antonio. **Cartas do cárcere: 1926-1930**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2005. v. 1. 478 p.
- _____. **Cartas do cárcere: 1931-1937**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2005. v. 2. 494 p.
- HUIZINGA, Johan. **Homo ludens**. 5. ed. São Paulo: Perspectiva, 2004. 243 p.
- MAGNANI, J. G. C. De perto e de dentro: notas para uma etnografia urbana. **Revista Brasileira de Ciências Sociais**, São Paulo, v. 17, n. 49, p. 11-29, jun. 2002.

MARCELLINO, Nelson Carvalho; BARBOSA, Felipe Soligo; MARIANO, Stéplanie Helena. Lazer, cultura e patrimônio ambiental urbano: relações e possibilidades. **Licere**, Belo Horizonte, v.10, n.3, dez./2007. p.1-23.

_____. **Lazer e educação**. Campinas: Papirus, 1987. 164 p.

_____. **Pedagogia da animação**. 3. ed. Campinas: Papirus, 1989. 149 p.

_____. **Pedagogia da animação**. 7. ed. Campinas: Papirus, 2005.

MATA, Vanessa. Encarte do CD Sim. In: MATA, Vanessa. **Sim**, Sony BMG, 2007.1 CD. 13 faixas.

MELO, V. A. de. **Manual para otimização da utilização e equipamentos de lazer**. Rio de Janeiro: Serviço Social do Comércio, 2002. p. 1-26.

MINAYO, Maria Cecília de Souza. **O desafio do conhecimento**: pesquisa qualitativa em saúde. 12. ed. São Paulo: Hucitec, 2010. 408 p.

_____. (Org.) **Pesquisa social**; teoria, método e criatividade. 5. ed. Petrópolis: Vozes, 1994. 80 p.

MOLINA NETO, Vicente; TRIVIÑOS, Augusto N. S. (Org.) **Pesquisa qualitativa em educação física**: alternativas metodológicas. Porto Alegre: Sulina, 1999. 141 p.

NERUDA, Pablo. **Confesso que vivi**: memórias. 3. ed. Rio de Janeiro: Difel, 1977. 358 p.

NOAL, M. L. **As crianças Guarani/Kaiowá**: o mitãreko na Aldeia Pirakuá/MS. 2006. 353 f. Tese (Doutorado em Educação) - Faculdade de Educação, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2006.

NUNES, Paulo Ricardo M.; SILVA, Junior Vagner P. da. A cidade, a criança e o limite geográfico. **Licere**, Belo Horizonte, v.11, n.3, dez./2008. p.1-15.

RUIZ S., Alice; REZENDE, Maria Valéria. **Conversa de passarinhos**: haikais para crianças de todas as idades. São Paulo: Iluminuras, 2008. 77 p.

TEIXEIRA, Renato. Irmãos da Lua. Intérprete: Renato Teixeira. In: **Renato Teixeira - Maximum**. SONYBMG, 2005. 1 CD. Faixa 20.

TONUCCI, Francesco. **Com olhos de criança**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1997. 160 p.

_____. **Quando as crianças dizem**: agora chega! Porto Alegre, RS: ARTMED, 2005. 243 p.

Endereço das Autoras:

Miraíra Noel Manfroi
Alcyane Marinho
Av. Professor Othon Gama D'êça, 627, apart. 201.
CEP: 88015240 – Florianópolis (SC)
Endereço Eletrônico: mira_nm@hotmail.com

Alcyane Marinho
Rua João Pio Duarte Silva, 114, ap. 406 Bloco B
Edifício Villa Vitória - Córrego Grande
Florianópolis - SC - 88.037-000
Endereço Eletrônico: alcyane.marinho@hotmail.com